

# ...Sobre a Saudade

ALBERTO ISAIAS RAMIRES

O vocábulo "saudade", embora inexpressivo, sem nenhuma significação em outros idiomas, tem sido para os nossos poetas uma fonte perene de inspiração.

Raro é o vate que, dedilhando a sua lira, compõe os seus versos, não sente na palavra "saudade" motivo para dar um colorido mais nosso aos trabalhos que produz.

Bilac, o admirável "poeta das estrelas", não se cansou de glorificar a saudade através das suas ricas páginas de talento e inspiração.

Como él, todos os seus contemporâneos, frequentadores do antigo Café Pagaço, decantaram a saudade de um moço brilhante, pondo-lhe vida, dando-lhe sentimento.

Bastos Tigre, o inspirado poeta que ainda em nossos dias honra com seus versos a literatura brasileira, compôs, com rara felicidade, algumas quadras sobre a saudade, dentre as quais cito a primeira:

"Saudade — palavra doce  
Que traduz tanto amargo...  
Saudade — é como se fosse  
Espinho cheirando a flor..."

Ciro Vieira da Cunha, poeta paulista, porém radicado de há muito no solo capixaba, já se considerando por isso filho da terra de Maria Ortiz, escreveu um belo soneto, sob o título "Saudade", do qual cito o último terceto:

"Saudade - um lenço branco me acenando,  
Uma vontade de chorar, sorrindo,  
Uma vontade de sorrir, chorando..."

Otília Bastos Couto, poetisa de primeira água, escrevendo sobre a saudade, num poema que intitulou "Até a saudade vai passando...", nos presenteia versos de grande inspiração, como os que abaixo transcrevo:

"E, sem sentir, a minh'alma vai se en-  
chendo  
de sonhos, de ilusões e de esperanças...  
E de mansinho, de meus olhos vão des-  
cendo  
lágrimas quentes, lágrimas de amor e de  
saudade...  
mas como vai longe a minha felicidade!  
Já não adianta chorar,  
é tarde para sonhar!"

A vida vai fugindo, a velhice vem che-  
gando

E até a saudade vai passando..."

Luiz Otávio, trovador dos mais perfeitos de nossa terra, achou no tema "saudade" uma grande dose de inspiração para compôr tão belas quadras, como as que me orgulho em transcrever:

"Vendo contigo retratos  
De uns dias que já vivi,  
Tive saudades de mim...  
Tive saudades de ti..."

Há flores pelo jardim...

Há folhas mortas no chão...

— Um grande amor dentro de mim!  
Saudade em meu coração!"

Jaime Duarte Nascimento, poeta de fino e requintado êstro e pertencente à ala moça dos poetas do Brasil, nos brinda, sob o título "Saudade", com este belo soneto:

"Saudade... mensageira do passado,  
Dos meus ditosos dias recordando,

Fanal de Deus em sonho delicado,

No meu viver de sempre delirando.

Em ter meu pensamento torturado,  
Dos meus saudosos pais sempre lem-  
brando

Que tantas vezes, tolo e descuidado,  
Eu ria quando estavam soluçando.

Saudade, a casa velha onde nascemos,  
Abandonada no correr dos anos,  
Sem mais rever alguém que conhece-  
mos..."

Saudade dos pecados de criança,  
Ouvindo a minha mãe nos desenganos  
Pedindo a Deus por minha segurança!"

Olegário Mariano, o "príncipe-poeta",

mundialmente conhecido como o "cantor

das cigarras", aproveitando a originali-  
dade da palavra saudade, nos presentela

esta quadra de profunda beleza:

"Num sentimento bizarro  
Ficou-me a saudade louca  
Do "rouge" da tua boca  
Na ponta do meu cigarro..."

Oscar Cunha, outro trovador fulgurante, escrevendo sobre a saudade, nos brinda com esta quadra cheia de beleza e originalidade:

"A saudade mais dorida  
é aquela — porque não sei! —  
de uns olhos que não me olharam,  
de um beijo que não beijei."

Luiz Guimarães, que legou ao  
parnaso brasileiro versos de tão alta inspiração, como os de seu soneto "Visita à casa paterna", cuja chave de ouro é um canto à saudade:

"Jorrou-me em ondas... Resistir quem  
há-de!  
Uma ilusão gemia em cada canto,  
Chorava em cada canta uma saudade."

Ulisses Diniz, nome dos mais apreciados nos domínios da poesia, escrevendo sobre a saudade, num soneto sob o título "Estranho poder", nos dá estes versos:

"Assim, ébrio de luz, de amor e de an-  
ciedade,  
Eu te bendigo, luar! Sorrindo das esfe-  
ras  
Porque me vens prender às tramas da  
saudade!"

Casemiro de Abreu, o grande poeta fluminense que tanto conceito merece na poética nacional, quando no exílio, escreveu o seu belo poema "Minha Terra", cujos versos iniciais são estes:

"Ó que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais..."

Poetas de ontem e de hoje, cantores, trovadores, encontraram na palavra "saudade" algo de expressivo para preencher esta lacuna que sempre existe na vida de cada um de nós..."

E a saudade continuará como o "lenço branco acenando", como o "triste adeus", como o "primeiro amor", como o "derradeiro beijo trocado em noite de luar..."

(Rio)